

Editorial

Atualmente cursos de graduação e programas de pós-graduação em ciência(s) da(s) religião(ões) crescem em bom ritmo no Brasil. A ciência, área disciplinar, ou como for que se compreenda o que seja “ciência(s) da(s) religião(ões)” - justamente tema refletido neste número da *Numen* - iniciou tímida sua caminhada de consolidação na Academia Brasileira, a partir da década de 1970 e, particularmente, décadas de 1980 e 1990. Em 2000 o PPCIR-UFJF promoveu um seminário cujo intuito era, justamente, refletir sobre a epistemologia da ciência(s) da(s) religião(ões), a bem de clarificar conceitos e proporcionar trocas de experiências entre os programas de pós-graduação, pretendendo maior afirmação da área dentro da Academia. Ora, para afirmar-se, o ponto crucial seria, justamente, que a ciência(s) da(s) religião(ões), ou melhor, os intelectuais da área, pudessem revelar as concepções epistemológicas que distinguem a ciência(s) da(s) religião(ões) das demais ciências, tanto em relação a seu objeto específico, quanto ao seu método. Quicá pudesse haver um entendimento mais unísono sobre tais questões. Tal seminário resultou no livro “*A(s) Ciências(s) da Religião no Brasil: Afirmação de uma área acadêmica*”, organizado por Faustino Teixeira e publicado por Edições Paulinas, em 2001.

No início deste novo milênio houve um significativo aumento dos cursos de graduação e pós-graduação em ciência(s) da(s) religião(ões). Mais recentemente, nota-se também o crescimento do número de graduações (licenciaturas e bacharelados) nesta área, o que levou inclusive à criação da Rede Nacional das Licenciaturas em Ensino Religioso (RELER) no ano de 2012. Como já pontuamos, faz-se necessária, sempre de novo, a reflexão sobre o que caracteriza, em termos epistemológicos e de prática e produção acadêmica, as ciência(s) da(s) religião(ões). O aumento de cursos e programas de pós-graduação indica, necessariamente, maior maturidade e melhor reflexão em relação à tarefa acadêmico-científica própria à ciência(s) da(s)

religião(ões)? Sabemos que é, no mínimo, perigoso erguer mais andares em um prédio se seus fundamentos não são adequados para tais acréscimos. Portanto, no momento do aumento de cursos que levam a chancela de ciência(s) da(s) religião(ões), é preciso voltar a refletir sobre os fundamentos daquilo que se convencionou nomear ciência(s) da(s) religião(ões). Aliás, uma ciência que não reflete continuamente acerca de si, seu objeto, metodologia e metas, mesmo de sua razão em existir (e de sua plausibilidade científica), merece a chancela de ciência?

Intentando fomentar a contínua reflexão (e, oxalá, aprimoramento) a respeito da constituição epistemológica e das práticas acadêmicas da ciência(s) da(s) religião(ões), o presente número da *Numen* oferece, a seus leitores, artigos vindos da maior parte dos programas de pós-graduação em ciências da religião ativos no Brasil¹. Neles podemos contemplar históricos de constituições de programas e as reflexões epistemológicas que acompanharam e acompanham o desenvolvimento dos programas apresentados. Igualmente, em alguns artigos, podemos verificar como, na prática, as concepções de ciência(s) da(s) religião(ões) em certos programas são desdobradas, através da produção acadêmica e das ênfases de pesquisa reveladas nos artigos.

Da PUC-MG chega a nós uma importante reflexão de cunho epistemológico sobre a questão da interdisciplinaridade nas ciências da religião² e a identidade da área, redigida pelos professores Amauri Carlos Ferreira e Flávio Senra. História, o artigo, a constituição e consolidação dos programas pós-graduados em ciências da religião no Brasil (particularmente os pioneiros) e como, no desenvolvimento dos mesmos, foi sendo pensada a questão epistemológica, do objeto, do(s) método(s),

¹ Procuramos convidar todos os programas, através de alguns de seus docentes, à redação de artigos que abordassem questões relativas à(s) ciência(s) da(s) religião(ões). Ademais, a chamada temática para o presente número foi publicada no site da revista, podendo qualquer autor enviar, nos prazos especificados, sua contribuição sobre o tema.

² Adiante nomeamos o curso conforme cada autor, em seu artigo, o nomeia.

apontando para as tensões, conflitos, mas também para as oportunidades e criatividade construídas nos processos de reflexões nos programas (e autores) descritos. O artigo foca o tema da interdisciplinaridade (e a reflexão sobre seus conceitos) para entender o próprio e a tarefa das ciências da religião.

Gilbraz Aragão oferece-nos um instigante artigo sobre as ciências da religião na UNICAP. Cuidadosamente percorre o histórico do programa, o *locus* em que se encontra, suas linhas e grupos de pesquisa, ênfases e opções epistemológicas, e compara, finalmente, em feliz metáfora, as ciências da religião com a música executada por uma orquestra, que desvela o fenômeno religioso e harmoniza possíveis contradições de acesso a ele. O texto de Aragão chama-nos à esperança e à utopia de que as ciências da religião, em sua polissêmica riqueza de rostos e propostas epistemológicas, expandem harmonia, e não confusão, aos ouvidos e mentes sensíveis, abrindo horizontes novos para a compreensão da pesquisa sobre religião.

Não é recomendado, a nenhum cientista, o labor da pesquisa sem a consciência das conjunturas em que se inserem pesquisador e objeto de pesquisa. Neste sentido a contribuição de Douglas Conceição é bastante significativa, pois revela os sentidos próprios do estudo sobre religião em contexto amazônico. Qual a contribuição que um programa de graduação e de pós-graduação em ciências da religião situado em universidade pública na Amazônia pode dar à investigação da religião naquele contexto específico? Para responder à questão o autor mapeia, brevemente, o trabalho dos precursores do estudo sobre religião na região norte do Brasil. Adiante, mostra o gênese do curso na UEPA, secundada pela Arquidiocese de Belém e pela necessidade de formar docentes para o ensino religioso (fazendo com que a graduação precedesse a pós-graduação, o que é raro nos cursos de ciências da religião no Brasil). Por fim descreve, detalhadamente, a formação e configuração da pós-graduação em ciências da religião da UEPA, seus aportes teóricos, áreas de

concentração e investigação, projetos e desafios deste que é um dos mestrados mais recentes em ciências da religião.

Da região centro-oeste, há o artigo escrito pelos professores Alberto da Silva Moreira, Carolina Teles Lemos, Haroldo Reimer, intitulado *Estudando a religião no cerrado. O programa de Ciências da religião da PUC-Goiás*. Neste texto, há cuidadosa exposição do surgimento, amadurecimento e desafios do programa de pós-graduação da PUC-Goiás, revelando-se como o desenvolvimento do curso se intercala com questões de ordem epistemológica, especialmente no que se refere aos desafios a serem enfrentados.

Etienne Higuier apresenta um pouco da atualidade e dos desafios de uma das mais antigas pós-graduações em ciências da religião no Brasil, a da UMESP. O autor traça as possíveis relações ou diferenças (muitas vezes polêmicas) entre ciências da religião e teologia, mostrando que estas relações (em suas aproximações e distâncias quanto ao modo de ver e investigar o objeto, e quanto à própria compreensão do objeto de investigação), de formas variadas, aceitas ou criticadas, sempre fizeram parte da identidade das ciências da religião na UMESP. A partir deste ponto o autor pontua algumas tentativas de reformulação do curso, em que o programa tenta, aos poucos, definir sua identidade e compreensão de ciências da religião, através de reformas do currículo, de ênfases, de nomeação de áreas de pesquisa e concentração de projetos.

Antonio Maspoli e Cátia Rodrigues apresentam o desenvolvimento histórico do programa de pós-graduação em ciências da religião da Universidade Mackenzie, bem como discutem as concepções epistemológicas que se fizeram e se fazem presentes neste desenvolvimento. O artigo, no intuito de apresentar, de forma prática, as compreensões majoritárias de entendimento, no programa, sobre ciências da religião, recorre à relação e mensuração da produção docente e discente em dissertações e artigos, assim como relatando os temas mais recorrentes em tais produções. É interessante constatar que,

em um programa que traz consigo, de alguma forma, íntima ou não, a relação entre teologia e ciências da religião, boa parte da produção se situa em vertente referencial ou epistemológica sociológica, compreendendo a pesquisa sobre religião como inventário (histórico-sociológico) dos eventos religiosos (ou do fenômeno religioso). Aparentemente há a impressão de que o programa (ou a produção ali confeccionada) transita entre o olhar fenomenológico e o funcionalista sobre a religião, ou, quem sabe, em uma união estimulante entre ambos.

A UFPB diferencia-se dos demais programas de pós-graduação vinculados à Anptecre pelo título de seu programa, todo ele no plural. Os autores Neide Miele e Fabrício Possebon, contudo, sem entrarem muito na questão da opção epistemológica por tal nomenclatura (ciências das religiões), apontam os percursos históricos e documentais da graduação e pós-graduação em ciências das religiões, citando, como aportes teóricos do programa, tanto fenomenológicos como funcionalistas clássicos, bem como alguns dos mestres da suspeita. As ciências das religiões são apresentadas como oportunidade de pesquisa em vistas à promoção da paz e do diálogo, em perspectiva bastante pragmática, mas sem se descuidar dos fundamentos teóricos que justificam tal visão. No caso, a relação das ciências das religiões com o ensino religioso escolar é destacada. Finalmente o artigo apresenta uma interessante relação da produção acadêmica confeccionada no programa e publicada, fazendo com que o leitor possa, ele mesmo, perceber as ênfases e caminhos que são apontados pelo programa e, conseqüentemente, as possíveis opções e compreensões epistemológicas presentes nele.

Outro programa que também se diferencia por sua identificação na nomenclatura é o da UFJF (universidade igualmente pública e federal, como a UFPB). Os autores Arnaldo Huff e Rodrigo Portella, contudo, também não expressam a compreensão da razão do singular no nome do programa (ciência da religião). Porém, pensando justamente na questão da variedade de nomenclaturas e das possíveis compreensões epistemológicas

que velam, os autores tentam entender o curso, em suas ênfases e áreas, a partir do diálogo em busca de consensos mínimos para que se compreenda do que falamos quanto ao objeto de estudo (religião) e às formas de se chegar à investigação do mesmo. A partir da recente criação da graduação em ciência da religião na UFJF, e das disciplinas elencadas para tal curso, é proposta uma compreensão de ciência da religião macro, integral, orgânica, em que as especialidades dão lugar à análise das religiões (e de seus temas) a partir de suas próprias estruturas e semânticas internas de sentido, embora que, claro, não se prescindam das contribuições, nestas análises, dos indispensáveis olhares específicos das várias ciências e epistemologias. Contudo, presume-se um olhar não fatiado sobre a religião, mas integrado, orgânico.

O tema do Ensino Religioso, com o significativo crescimento dos cursos de graduação em Ciência da Religião, tem se tornado também objeto de renovada atenção por parte dos programas de pós-graduação. A diversidade religiosa, a convivência com a diferença e as dificuldades enfrentadas pelos professores de Ensino Religioso na educação fundamental se configuram como eixos a partir de onde se pensou a licenciatura em Ciências da Religião da FURB. A partir destas temáticas, Lilian Blanck de Oliveira e Simone Riske Koch trazem importantes contribuições sobre o que se tem feito neste curso, tendo em vista a formação de professores para atuação no Ensino Religioso.

Célia Arribas contribui, em seu texto, para o debate sobre a identidade das ciências da religião, trazendo à baila um autor de grande importância para as ciências humanas e sociais como um todo: Pierre Bourdieu. O citado autor é, certamente, referência para aquilo que se convencionou chamar, a partir de um entendimento interdisciplinar das ciências da religião em modelo de áreas de pesquisa específicas, ciências sociais da religião. Contudo, extrapolando qualquer gueto de áreas fracionadas, e atendendo a um modelo de interdisciplinaridade dialógica e integrativa, orgânico, os temas da sociologia (da religião) de Bourdieu enriquecem as ciências da religião de forma

geral, já que conceitos como campo religioso, *habitus* e capital religioso, por exemplo (e como destacado no texto) não se podem olvidar (?) para o entendimento da religião, mesmo para além de sua função social ou análise empírica/de campo, a não ser que se pretenda uma dicotomia radical entre abordagens “puramente” fenomenológicas ou “puramente” funcionalistas, o que é questionável, mas debate constante em certos círculos a propósito do entendimento epistemológico sobre as ciências da religião.

O presente número da *Numen* ainda, na sua seção de artigos de fluxo contínuo, apresenta um artigo de teor teológico. Cláudio de Oliveira Ribeiro traça questões de método teológico (e da mudança de paradigmas do método) quanto à teologia cristã quando em relação e inserção junto às culturas africanas e indígenas. Mostra que, enquanto a teologia cristã tem tido, ao longo da história e em sua metodologia, um acento mais racional, as culturas afro-indígenas têm acentos mais rituais e subjetivos. Encontrar formas de diálogo ou interfaces entre paradigmas diferentes constitui desafio à teologia, convidada a revisar seu lugar e seu refletir em face de tais culturas, e a partir dos paradigmas delas.

Por fim, na seção de depoimentos, o Prof. Faustino Teixeira brinda-nos com a memória da constituição do curso de ciência da religião (e de seu programa de pós-graduação) na UFJF, apresentado num encontro realizado no ano de 2011. O rigor histórico, a memória afetiva da testemunha ocular e a reflexão madura mostram-nos a gênese de uma ciência ou campo disciplinar *Sui generis*, até então, para a universidade pública. Proporciona, o autor, uma leitura reveladora sobre o amadurecimento de uma área de conhecimento e de um curso e programa pós-graduado, elencando as mudanças de paradigmas por que passou a ciência da religião, na UFJF, desde seu início (como graduação), até sua estruturação como pós-graduação.

Aos leitores da *Numen* desejamos que os artigos presentes no atual número possam ser desafiadores quanto à tarefa de

revisão e\ou fortalecimento de postulados a respeito da ciência(s) da(s) religião(ões). Como afirma o dito popular: “conversando é que a gente se entende”. Aqui, portanto, oferecemos a possibilidade do leitor tecer diálogos entre os vários programas de ciência(s) da(s) religião(ões), para sua melhor reflexão sobre um tema que encanta e mobiliza.

Rodrigo Portella (Editor do número)
Frederico Pieper (Editor da revista)